

POLIFONIA ENUNCIATIVA: FENÔMENO SEMÂNTICO- ARGUMENTATIVO

Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB)

Diferentes correntes dos estudos linguísticos contemporâneos, entre as quais a Semântica Enunciativa, a Pragmática, a Análise do Discurso e os Estudos Interacionistas, têm demonstrado que a linguagem humana é permeada pela dialogicidade e pela polifonia. Parece consenso entre os estudiosos dessas correntes que a língua(gem) promove a interação social, constitui-se no processo dialógico e prevê sempre a presença do outro. Além disso, a própria estrutura da língua possui elementos que permitem a construção de discursos polifônicos, em que diferentes vozes se entrecruzam.

Nesse sentido, este capítulo⁴⁵, de natureza teórica, objetiva refletir sobre o fenômeno da polifonia enunciativa, demonstrando como esse fenômeno se materializa tanto no sistema, através de

45 Este capítulo revisa, complementa e aprofunda discussões teóricas anteriormente apresentadas em diferentes trabalhos (NASCIMENTO 2005; 2009; 2015; entre outros).

determinados elementos linguísticos, como no discurso, pela evocação de múltiplas vozes e pontos de vista. Para tal, apresentamos um breve panorama sobre os estudos da polifonia, aplicando-os, sempre que possível, a análise de enunciados e de textos.

Os estudos sobre a polifonia enunciativa têm seu marco inicial com os estudos de Bakhtin (2002a), ainda dentro da crítica e da análise literária, que propõe uma distinção entre a literatura polifônica e a literatura monológica, a partir da análise das obras de Dostoiévski. Na linguística, o conceito de polifonia é utilizado, inicialmente, por Oswald Ducrot (1987, 1988), para questionar o princípio da unicidade do sujeito falante e propor que o sentido dos enunciados é, por natureza, polifônico.

Assim, na primeira seção desse capítulo, partimos dos estudos de Bakhtin (2000, 2002a, 2002b), não só para demonstrar a origem dos estudos polifônicos, mas também para diferenciar os conceitos de dialogismo e de polifonia, para o referido autor.

Em seguida, na segunda seção, tratamos do fenômeno da polifonia no âmbito das Semânticas Argumentativa e Enunciativa, a partir de Ducrot (1987, 1988) e colaboradores, apresentando conceitos e fenômenos polifônicos descritos por esse estudioso e, mais recentemente, por Anscombre (2005, 2010), García Negroni (2010) e Nascimento (2015). Apresentamos a diferenciação entre os fenômenos da polifonia de enunciadores e locutores, além dos estudos sobre o fenômeno do SE-locutor, um dos mais recentemente descritos. Ainda na segunda seção, tratamos do fenômeno da intertextualidade, uma das manifestações da polifonia, segundo Koch (2004). Ao apresentar esses fenômenos, mostramos como eles se materializam, discursivamente, através de determinadas marcas e estruturas linguísticas⁴⁶.

46 Utilizamos alguns exemplos de diferentes *corpora* investigados no âmbito do projeto “Estudos semântico-argumentativos e enunciativos na língua e no discurso: marcas de (inter)subjetividade e de orientação argumentativa (ESA-ELD)”

Na última seção, traçamos algumas considerações sobre a importância dos estudos da polifonia tanto para a Linguística Descritiva.

Os estudos polifônicos da linguagem no âmbito da Literatura

O termo polifonia é oriundo do universo musical para designar um tipo de composição musical em que se superpõem diversas vozes, é utilizado nos estudos de Michel Bakhtin (2002a) sobre os romances de Dostoiévski. *Em Problemas da Poética de Dostoiévski* – a primeira edição da obra é de 1929 sob o título de *Problemas da Obra de Dostoiévski* – Bakhtin postulou a existência de dois tipos de literaturas: a dogmática, de tipo monológica, e a carnavalesca, popular ou polifônica. Na última ele incluiu a obra de Dostoiévski.

Bakhtin (2002a, p. 5) afirma que essa literatura polifônica foi utilizada por Dostoiévski e marca o surgimento de um herói que possui uma voz que se coloca de igual para igual com a voz do autor: “A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor”.

Na literatura polifônica, o personagem apresenta a si mesmo, é “o agente do discurso autêntico e não um objeto mudo do discurso do autor” (BAKHTIN, 2002a, p. 64). O autor, acrescenta Bakhtin, não fala do personagem, mas fala com ele, estabelecendo um diálogo constante na obra. Na literatura dogmática, por sua vez, a personagem é definida pelo autor, fechada e porta voz de um ponto de vista do autor.

Essa personagem se constrói no mundo do autor, objetivo em relação à consciência da personagem; a construção desse mundo, com seus pontos de vista e definições conclusivas, pressupõe uma sólida posição exterior, um estável campo de visão do autor. (BAKHTIN, 2002a, p. 51).

Para estabelecer o conceito de literatura polifônica, Bakhtin desenvolveu toda uma teoria a respeito do discurso. Ele partiu da premissa de que o discurso é por natureza dialógico e que a linguagem só tem existência nas relações dialógicas: “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas” (2002a, p. 183).

A relação dialógica em Bakhtin estabelece a união existente entre a linguagem e a vida e é constituída pela relação entre o *eu* e o *tu*, ou seja, o dialogismo é decorrente da interação verbal entre os sujeitos (locutor e interlocutor), no espaço do discurso (BARROS; FIORIN, 1994, p. 2). O discurso é, portanto, a materialização das relações dialógicas.

Bakhtin assinala que as relações dialógicas ocorrem tanto no enunciado como um todo, como em partes do enunciado. A própria palavra isolada, desde que não seja interpretada como palavra impessoal da língua, é dialógica, como afirma o autor:

As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, mas

como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado do outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro. (BAKHTIN, 2002a, p. 184).

Em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2000, p. 313), o autor afirma que a palavra da língua não é de ninguém, mas também se apresenta para o locutor enquanto palavra do outro, que pertence ao outro e preenche o eco dos enunciados alheios e “como palavra *minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade”.

É importante salientar que o conceito de enunciado de Bakhtin se aproxima do que hoje se entende como “texto”, como assinala Barros & Fiorin (1994, p. 1). Os autores afirmam que o enunciado, em Bakhtin, é concebido como matéria linguística e como contexto enunciativo, sendo, portanto, o objeto dos estudos da linguagem. Bakhtin afirma:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores), mas dentro dessas fronteiras, o enunciado, do mesmo modo que a mônada de Leibniz, reflete o processo verbal, os enunciados dos outros e, sobretudo, os elos anteriores (às vezes os próximos, mas também os distantes, nas áreas da comunicação cultural). (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Assim, além do dialogismo constituinte da linguagem, Bakhtin ainda teoriza a respeito do discurso bivocal polifônico. É o discurso em que se cruzam diferentes vozes. Convém, aqui, diferenciar

o discurso monovocal do discurso bivocal. No primeiro, afirma Bakhtin (2002a, p. 189), o discurso apresenta-se com uma só voz, enquanto, no segundo, ocorre mais de uma voz.

O discurso monovocal pode ser de dois tipos: referencial direto (imediatamente ou plenissignificativo) e objetificado (ou representado). O primeiro “nomeia, comunica, enuncia, representa”, ou seja, visa à interpretação referencial e direta do objeto (2002a, p. 186) e o segundo “é igualmente orientado exclusivamente para o seu objeto, mas ele próprio é ao mesmo tempo objeto de outra orientação, a do autor” (2002a, p. 189). O discurso objetificado, de acordo com Bakhtin, soa como se fosse um discurso de uma só voz.

No discurso bivocal, a voz do autor convive com a voz do outro, sem fundir-se com essa e se apresenta de três formas: Discurso bivocal de orientação única – discurso da estilização; Discurso bivocal de orientação vária – discurso da paródia e da ironia; Tipo ativo ou discurso refletido do outro – discurso polêmico.

Bakhtin afirma que, enquanto na estilização e na paródia o autor emprega as palavras do outro para expressar suas próprias ideias, no discurso polêmico, “a palavra do outro permanece fora do discurso do autor, mas este discurso a leva em conta e a ela se refere” (BAKHTIN, 2002a, p. 195). Bakhtin ainda denomina esse tipo de discurso de variedade ativa, em oposição aos anteriores, que são variedades passivas, porque “a palavra do outro influencia ativamente o discurso do autor, forçando-o a mudar adequadamente sob o efeito de sua influência e envolvimento” (2002a, p. 198).

Bakhtin ainda afirma que, na medida em que se desfaz o grau de objetivação do discurso do outro, ou seja, desfaz-se a distância entre o autor e o outro, o narrador se transforma em uma simples

“convenção composicional”. No entanto, com as palavras orientadas para diferentes fins, o discurso se converte em dialógico, ou seja, “não há dominação absoluta da voz do autor sobre a ideia do outro, a fala perde a sua serenidade e convicção, torna-se inquieta, internamente não-solucionada e ambivalente” (2002a, p. 199).

Por fim, acrescenta Bakhtin que a originalidade de Dostoiévski consiste na utilização desses tipos de discursos bivocais distribuídos de maneira especial e na variedade dos elementos composicionais básicos da obra: “Em Dostoiévski quase não há discurso sem uma tensa mirada para o discurso do outro” (2002a, p. 204). Isso torna a obra do Dostoiévski em polifônica, por excelência.

Os estudos sobre a polifonia, em Bakhtin (2002a), inserem-se no âmbito da análise e da crítica literária. Conforme se pode depreender, pelo que foi exposto, o autor considera que nem todos os textos são polifônicos, mas apenas aqueles que, a exemplo das obras de Dostoiévski, pode-se observar a presença de discursos bivocais. Posição diferente assume Ducrot (1987, 1988), que defende que a polifonia é constitutiva dos sentidos dos enunciados, conforme apresentamos na próxima seção.

A polifonia na Linguística: um estudo semântico-enunciativo

Ducrot (1987; 1988) traz o termo polifonia para a Linguística, com o objetivo de questionar o princípio da unicidade do sujeito falante e, ao mesmo tempo, propor que o sentido dos enunciados é, por natureza, polifônico. Assim, pretende provar que um enunciado – “manifestação particular” ou “ocorrência *hic et nunc* de uma frase” (DUCROT, 1987, p. 164, grifo do autor) – pode ser perpas-

sado por mais de uma voz, ou seja, Ducrot pretende mostrar que o autor do enunciado não se expressa nunca diretamente, mas põe em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens linguísticos.

Para Ducrot, a língua mesma dispõe de vários recursos linguísticos e fenômenos discursivos que permitem a construção de discursos polifônicos, entre os quais estão a pressuposição, a paráfrase e a negação.

A unicidade do sujeito é um postulado linguístico, segundo o qual em cada enunciado há somente uma pessoa que fala. De acordo com Ducrot (1987, p. 179), esse sujeito possuiria três propriedades: ser dotado de uma atividade psicofisiológica indispensável à produção do enunciado; ser o autor, responsável pelos atos ilocutórios (ordem, pergunta, asserção etc.) realizados na produção do discurso; ser designado em um enunciado pelas marcas de primeira pessoa (o *eu* que aparece no texto).

Segundo Ducrot (1987, p. 179), “considera-se como óbvio que este ser designado por eu é ao mesmo tempo o que produz o enunciado, e também aquele cujo enunciado expressa as promessas, asserções, etc.”. No entanto, no relato em estilo direto é possível encontrar casos em que esse *eu* não se refere à pessoa que o pronuncia, mas a uma segunda pessoa, como no exemplo a seguir.

Exemplo 01

Eu escutei o que Pedro afirmou: “eu não irei para a festa”.

No exemplo 01, há duas marcas de 1ª pessoa. A primeira se refere ao locutor responsável pelo enunciado como um todo e que

o proferiu (doravante L1). O segundo *eu*, no entanto, não se refere a esse locutor, mas a um segundo locutor (L2 - Pedro), que é responsável pelo segmento “eu não irei para a festa”. Entrou em cena, portanto, uma segunda pessoa do discurso (L2), a quem o segundo *eu* é atribuído.

Outro exemplo, citado por Ducrot (1987, p. 182), que coloca em questão as propriedades acima referidas, é o caso dos documentos escolares que os pais costumam assinar, autorizando seus filhos a realizarem determinada atividade. Esse tipo de correspondência possui, geralmente, um enunciado do tipo “Eu, fulano de tal, autorizo meu filho a Assinado ...”. Esse *eu* se refere ao pai que assina e, como tal, responsabiliza-se pelo teor da autorização. No entanto, não designa o autor do texto, aquele que produziu o documento (a secretária, diretora, ou outro funcionário da escola que elaborou e padronizou o documento).

O exemplo das autorizações escolares coloca em evidência que o autor empírico do enunciado nem sempre é quem se responsabiliza por ele. É para resolver esse problema, entre outros, que Ducrot propõe a sua Teoria Polifônica da Enunciação. O autor começa por definir três funções diferentes, para o sujeito da enunciação: sujeito empírico (SE), locutor (L), e enunciador (E).

1 – O sujeito empírico (SE) é o autor efetivo, o produtor do enunciado: “El sujeto empírico es el autor efectivo, el productor del enunciado. Pero determinar quién es el autor efectivo del enunciado es mucho menos fácil de lo que se podría creer⁴⁷”. (DUCROT, 1988, p. 16).

47 Para Ducrot, (1988), a dificuldade de determinar o sujeito empírico não é um problema linguístico, uma vez que o linguista semanticista deve se preocupar com o sentido do enunciado, ou seja, o que interessa ao semanticista é o que está no enunciado e não as condições externas de sua produção.

2 – O locutor (L) é aquele que se apresenta como responsável pelo discurso, a quem se referem as marcas de 1ª pessoa do discurso. Como afirma Ducrot (1987, p. 182), trata-se do ser que, no próprio sentido do enunciado, é apresentado como seu responsável: “alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome eu e as outras marcas de 1ª pessoa”.

Ducrot (1987; 1988) também postula que o locutor pode ser totalmente diferente do sujeito empírico (o produtor efetivo do enunciado), já que o locutor se trata, geralmente, de um personagem fictício a quem o enunciado atribui a responsabilidade de sua enunciação. O locutor “tiene marcas en el enunciado mismo: las de la primera persona (yo, mí, me, etc.) y en cierta medida, aquí, ahora...”. (DUCROT, 1988, p. 17).

O autor ainda diferencia, no interior da própria noção de locutor, o “locutor enquanto tal” (L) e o “locutor enquanto ser do mundo” (λ), ambos seres do discurso:

L é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. λ é uma pessoa “completa” que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado – o que não impede que L e λ sejam seres de discurso, constituídos no sentido do enunciado e cujo estatuto metodológico é, pois, totalmente diferente daquele do sujeito falante (este último deve-se a uma representação “externa” da fala, estranha àquela que é veiculada pelo enunciado). (DUCROT, 1987, p. 188)

Para explicar a distinção entre o L e λ , Ducrot recorre a diferentes fenômenos linguísticos, entre os quais os enunciados per-

formativos explícitos, em enunciados do tipo “Eu te desejo boas férias”. Neste enunciado, segundo Ducrot (1987, p. 190), a fórmula “Eu desejo...” é utilizada para uma asserção de ordem psicológica e o pronome *eu* remete a λ (locutor enquanto ser do mundo): “Não é enquanto locutor que se experimenta o desejo, mas enquanto ser do mundo, e independente da asserção que se faz dele”. E acrescenta: “Por outro lado, o ato de desejar, que não existe senão na fala em que se realiza, pertence tipicamente a L: L realiza o ato de desejar afirmando que λ deseja”.

Por fim, Ducrot (1987) postula que L pertence ao comentário da enunciação feita globalmente pelo sentido e λ pertence à descrição do mundo feita pelas asserções interiores ao sentido.

3 – Os enunciadores (E) são pontos de vista que o locutor apresenta em seu discurso, assumindo determinadas posições a respeito desses enunciadores: “En la teoría de la polifonía, por el contrario, el enunciado presenta una multitud de puntos de vista diferentes y el locutor toma una multitud de actitudes en relación con esos puntos de vista”. (DUCROT, 1988: 68).

Ao enunciador, Ducrot associa o “centro de perspectiva” de Genette, ou seja, a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos, no texto literário: “Para distingui-lo do narrador, Genette diz que o narrador é ‘quem fala’, enquanto que o centro de perspectiva é ‘quem vê’” (DUCROT, 1987, p. 195).

Após haver identificado os diferentes seres do discurso, Ducrot (1987; 1988) propõe a existência de dois tipos de polifonia presentes nos enunciados e, conseqüentemente, no discurso: a polifonia de enunciadores e a polifonia de locutores, as quais apresentamos a seguir.

A polifonia de locutores

A Polifonia de locutores é encontrada, segundo Ducrot (1987), no discurso relatado em estilo direto. Para o autor, nos enunciados com esse tipo de estilo, há uma pluralidade de responsáveis, “dados como distintos e irredutíveis” (DUCROT, 1987, p. 182). Assim, retomando o enunciado do Exemplo 01 (Eu escutei o que Pedro afirmou: “eu não irei para a festa”), há duas marcas de 1ª pessoa, atribuídas a dois locutores distintos. A primeira ocorrência da palavra *eu* é atribuída a um locutor responsável pelo discurso como um todo (L1), e o segundo *eu* é atribuído a outro locutor (L2 = Pedro). Nesse sentido, afirma o autor:

Assim, é possível que uma parte de um enunciado imputado globalmente a um primeiro locutor seja, entretanto, imputado a um segundo locutor (do mesmo modo que, num romance, o narrador principal pode inserir no seu relato o relato que lhe fez um segundo narrador). (DUCROT, 1987, p. 185).

De acordo com Ducrot (1987), essa possibilidade de dobramento do locutor permite não somente dar a conhecer o discurso atribuído a alguém como também produzir um eco imitativo, ou ainda organizar um teatro no interior da própria fala, ou que alguém se torne porta-voz de um outro e empregue, no mesmo discurso, *eus* que remetem tanto ao porta-voz quanto à pessoa da qual é porta-voz.

A língua escrita dispõe de uma série de recursos para assinalar o discurso relatado e, por conseguinte, a mudança de locutores, no texto. As marcas mais comuns são o travessão, as aspas, os dois pontos, os verbos *dicendi*, como se pode perceber no Exemplo 02, retirado do *corpus* analisado por Nascimento (2005).

Exemplo 02 – Gênero notícia jornalística

O presidenciável do PSDB, José Serra, convidou ontem a primeira-dama Ruth Cardoso para fazer parte de um eventual governo seu como ministra de alguma área social.

“Eu queria ver a Ruth em frente de um ministério social. Tenho direito de explicitar este meu desejo”, disse o candidato, em cima de um palanque ao lado da primeira-dama. Em um tom ensaiado, Serra completou: “Aí vamos ter a Ruth e a Rita [Camata, vice em sua chapa para presidente], que são muito mais fortes que o Ronaldinho e o Rivaldo juntos”.

No Exemplo 02, é possível observar que há um L1 – o locutor-jornalista, em terceira pessoa, responsável pela notícia – que introduz um L2 – a fala do presidenciável José Serra – através dos verbos *dicendi dizer e completar*. Observa-se que entre o discurso de L1 e o discurso de L2, após o verbo *dicendi completar* aparecem os *dois pontos* (:). Por outro lado, antes do verbo *dizer*, o discurso de L1 é separado do discurso de L2 por uma vírgula. Em ambos os casos, o relato de L2 é assinalado por aspas, constituindo-se, portanto, no estilo direto, um caso de polifonia de locutores.

Na polifonia de locutores, a enunciação é apresentada como dupla, ou seja, “o próprio sentido do enunciado atribuiria à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados” (DUCROT, 1987, p. 186). E, embora a enunciação seja ação de um sujeito falante, a imagem do enunciado que se apresenta é de uma

hierarquia das falas, uma troca ou um diálogo entre os locutores, acrescenta o autor. Retomando os exemplos 01 e 02, percebe-se a hierarquia entre os locutores, uma vez que foi L1, o responsável pelo enunciado como um todo, que colocou em cena L2, responsável apenas pelos segmentos entre aspas, em estilo direto.

Certamente, do ponto de vista empírico, a enunciação é ação e um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas. Não há paradoxo, neste caso, senão se se confunde o locutor – que para mim é uma ficção discursiva – com o sujeito falante – que é um elemento da experiência. (DUCROT, 1987, p. 187)

Assim, para Ducrot (1987), a polifonia de locutores consiste no fenômeno da dupla enunciação mostrada no enunciado, caso específico do discurso relatado em estilo direto. No que se refere ao discurso relatado em estilo indireto, o autor não o considera como um caso de polifonia de locutores, já que não existiria a imagem, no enunciado, de uma dupla enunciação.

Ducrot ainda afirma que a diferença entre o estilo direto e o estilo indireto não é que o primeiro daria a conhecer a forma e o segundo só o conteúdo: “O estilo direto pode também visar só o conteúdo, mas para fazer saber qual é o conteúdo, escolhe dar a conhecer uma fala (ou seja, uma sequência de palavras imputadas a um locutor)” (DUCROT, 1987, p. 197).

Para Moyano (2007), a diferença mais perceptível entre o estilo direto e estilo indireto é que, enquanto no primeiro se apresentam

as palavras alheias com “aparente neutralidade”, no segundo, as palavras relatadas sofrem algumas mudanças, já que o locutor que as cita acomoda-as a sua situação de comunicação. A autora afirma que é própria do estilo indireto a fusão de vozes e, concomitantemente, a subordinação sintática. Em razão disso, assume um posicionamento semelhante a Ducrot, com relação à distinção entre esses dois estilos de discurso relatado: “En efecto, a diferencia del ED, en que aparecen dos enunciadores, el estilo indirecto presenta un solo enunciador en la voz de un único locutor que cita indirectamente a outro”. (MOYANO, 2007, p. 21).

Embora reconheçamos que no estilo indireto o locutor responsável pelo discurso incorpora às suas palavras o discurso alheio e reformula-o, apagando, inclusive, marcas dêiticas da fala do outro, permitimo-nos discordar de Ducrot (1987) e de Moyano (2007), considerando o estilo indireto como um caso de polifonia de locutores.

A principal razão pela qual consideramos o discurso relatado em estilo indireto um caso de polifonia de locutores é que, no próprio sentido do enunciado, o locutor responsável pelo discurso (L1) atribui a responsabilidade do discurso relatado a um outro ser do discurso, explicitamente identificado no próprio enunciado, como demonstrado no exemplo 03, retirado do *corpus* analisado por Nascimento & Oliveira (2011).

Exemplo 03 – Gênero ata

O conselheiro Erasmo salientou que os ótimos resultados da avaliação mostram a consistência do CEFET-RN e disse esperar que os indicadores venham a crescer a cada ano.

No Exemplo 03, o responsável pelo discurso como um todo (L1), locutor-narrador que está na terceira pessoa, apresenta o discurso de um segundo locutor (L2 - conselheiro Erasmo) em estilo indireto, inicialmente através do verbo *dicendi* modalizador avaliativo⁴⁸ *salientar* e, posteriormente, através da expressão *dicendi* modalizadora volitiva⁴⁹ *disse esperar*. Ao fazer uso do verbo *dicendi* modalizador *salientar* e da expressão *dicendi* modalizadora *disse esperar*, L1 deixa expresso, no sentido do enunciado, como o relato de L2 deve ser lido, imprimindo um ponto de vista e uma avaliação a respeito do discurso do segundo locutor.

O Exemplo 03 ilustra o fato de que um locutor responsável pelo discurso como um todo (L1) pode trazer a voz alheia para dentro de seu próprio discurso, identificando essa voz como pertencente a outro ser do discurso ou mais especificamente a outro locutor (L2, L3 etc.), explicitamente dito no enunciado e, ao mesmo tempo, assumir posicionamentos com relação ao discurso alheio. Essa é, portanto, uma característica não apenas do discurso relatado em estilo direto, mas também do discurso relatado em estilo indireto, caso do Exemplo 03, o que justifica a nossa opção por tratarmos ambos como casos de polifonia de locutores.

As análises realizadas nos últimos *corpora* descritos têm nos mostrado que a diferença entre o estilo direto e o indireto não se trata de uma questão de maior ou menor comprometimento, assimilação ou distanciamento. A assimilação, o distanciamento e a avaliação do discurso relatado, por parte do locutor responsável pelo discurso, dão-se muito mais pela presença de outros elemen-

48 Os modalizadores avaliativos apresentam o conteúdo do enunciado como um julgamento ou ponto de vista, excetuando-se qualquer avaliação de caráter epistêmico ou deontico. (NASCIMENTO, 2005; 2009).

49 Os modalizadores deonticos volitivos apresentam o conteúdo do enunciado como uma vontade ou desejo, de natureza deontica. (NASCIMENTO; SILVA, 2012).

tos linguístico-discursivos, como as aspas de diferenciação⁵⁰, os verbos *dicendi*, entre outras estratégias linguístico-discursivas, do que pelo fato de esse discurso ter sido apresentado em um ou outro estilo. Em ambos os casos, podemos considerar que ocorre uma polifonia de locutores, já que L1 atribui o discurso relatado a outro ser de discurso, explicitamente identificado e mostrado no próprio sentido do enunciado.

Polifonia de enunciadores

A polifonia de enunciadores ocorre quando, no mesmo enunciado, são identificados pontos de vista diferentes, colocados em cena pelo locutor. Os enunciadores são, portanto, esses pontos de vista que o locutor traz para o seu discurso, como afirma Ducrot (1987, p. 193): “De uma maneira análoga, o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes”.

Ao colocar em cena esses enunciadores, o locutor assume diferentes posições com relação a esses enunciadores, ora aprovando-os, ora assimilando-se a eles, ora se opondo a eles. No entanto, o mais importante para Ducrot é que a presença dos enunciadores está intrinsecamente relacionada com o sentido do enunciado.

Como exemplo de polifonia de enunciadores, Ducrot cita a pressuposição, o humor e a ironia, a negação, os enunciados formulados com *masPA* (operador de contraposição), entre outros.

50 As aspas, além de assinalar o discurso relatado em estilo direto, possuem outras diferentes funções, permitindo, inclusive, ao locutor se distanciar do que ele introduz no discurso, como propõe Authier-Revuz (1998). Nesse sentido, Koch (2001, p. 53) afirma que as aspas de diferenciação são aquelas que um locutor utiliza para mostrar que se distingue daquele que usa a palavra – “que somos ‘irredutíveis’ às palavras mencionadas”.

Em cada um deles, o locutor assume diferentes posições frente os enunciadores que atualiza.

No texto apresentado no Exemplo 04, retirado do *corpus* analisado por Nascimento & Nascimento (2017), é possível encontrar polifonia de enunciadores, ativada tanto pela negação como pelo fenômeno da ironia.

Exemplo 04 – Gênero Charge



Fonte: www.chargeonline.com. Consulta em 05 de dezembro de 2015.

O texto presente no Exemplo 04 é uma charge, publicada no portal Charge Online em 05/12/2015, semana em que o pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff foi aceito pela Câmara de Deputados, em Brasília. Na charge, encontram-se, além do locutor-chargista (L1), três personagens, sob a forma de caricaturas: na imagem da televisão, estão o Deputado Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados, e a então presidente Dilma Rousseff, apresentada com uma faca posta em seu pescoço com a inscrição “impeachment” grafada em vermelho; o terceiro perso-

nagem, que aparece sentado e assistindo televisão, é o Deputado Federal e palhaço conhecido popularmente por Tiririca (L2). Este último emite o enunciado “Pior que tá não fica”. Trata-se da retomada do discurso de candidatura de Tiririca como deputado federal no ano de 2014, bem como a reprodução, na íntegra, desse discurso, porém aplicado ao contexto do impeachment da presidente Dilma Rousseff. No enunciado, a palavra *não* funciona como elementos linguístico que ativa dois enunciadores diferentes, a saber:

E1: Pior que tá *não* fica

E2: Pior que tá fica

Assim, no conteúdo do enunciado, o locutor-personagem Tiririca (L2) ativa dois enunciadores diferentes (E1 e E2) e assume diferentes posicionamentos com relação a cada um dos enunciadores colocados em cena: rechaça E2 e assimila E1, cujo ponto de vista corresponde ao seu pensamento de que a situação política do Brasil não tem como piorar.

Como o texto analisado se trata de uma charge, é possível perceber que o discurso do locutor-personagem Tiririca (L2) e seus posicionamentos enunciativos são ironizados pelo locutor-chargista (L1). O locutor-chargista, por sua vez, não só rechaça o ponto de vista apresentado em E1, como o ironiza, identificando-se com E2 (pior que tá fica). Na verdade, o locutor-chargista introduz esses dois enunciadores em seu texto com o pretense objetivo de mostrar para aqueles que acreditavam que, como Tiririca, politicamente o quadro país não podia agravar, a situação acabou ficando pior. O que justifica esse posicionamento é o fato de que o cenário político piorou, o que é retratado na charge através da imagem da presidente Dilma Rousseff com uma faca no pescoço, em que se vê escrita a palavra impeachment. Isso mostra que a presidência estava por um fio.

O Exemplo 04 demonstra como, em um enunciado, podem ser ativados enunciadores diferentes e que o locutor que os introduziu pode assumir diferentes posicionamentos com relação a cada um dos enunciadores ativados no discurso, seja esse discurso seu ou de outros locutores.

Além das polifonias de locutores e de enunciadores, outros fenômenos polifônicos têm sido descritos, nos últimos anos, pelos estudiosos das Semânticas Enunciativa e Argumentativa. Entre esses, está o SE-locutor, postulado por Anscombre (2005, 2010), o qual apresentamos a seguir.

O SE-locutor: fenômeno de polifonia

O SE-locutor, *ON-locuteur* nos estudos de Anscombre (2005; 2010), constitui-se em uma voz colocada em cena, no próprio enunciado, pelo locutor responsável pelo discurso, introduzida por marcadores de citações genéricos (segundo, diz-se etc.) e que pode estar associada, em alguns contextos, à voz da *doxa* (nos provérbios, por exemplo) ou a uma voz coletiva, na qual o locutor como ser do mundo (λ) pode ou não estar incluído.

Anscombre (2010) afirma que o se-locutor é um fenômeno que possui três propriedades básicas: ser uma voz constitutiva do discurso e introduzida pelo locutor; tratar-se de uma voz coletiva; constituir-se em uma voz anônima. A evocação da voz do SE-locutor também pode ser observada no exemplo 05, retirado *corpus* analisado por Batista & Nascimento (2010).

Exemplo 05 – Gênero relatório

E) A proposta do Ministério das Cidades para o Plano de Comunicação da 3ª Conferência foi apresentada e sugeriu-se a possibilidade de acrescentar entre os mecanismos de divulgação outdoors para serem colocados nos estados.

No Exemplo 05, trecho de um relatório, o locutor responsável pelo discurso (L1 – locutor-narrador), coloca em cena um SE-locutor, através do verbo *dicendi* modalizador epistêmico quase-as-severativo⁵¹ *sugerir*, seguido da partícula *se*. Neste caso, o ponto de vista atribuído ao SE-locutor, responsável pelo segmento “a possibilidade de acrescentar entre os mecanismos de divulgação *ou-tdoors* para serem colocados nos estados”, aparece como uma voz coletiva, não identificada explicitamente no próprio enunciado.

Considerando que o relatório em questão se refere a uma reunião de uma coordenação executiva de uma conferência nacional, parece-nos possível atribuir, discursivamente, essa voz do SE-locutor à coletividade dos presentes na reunião. No entanto, o fato dessa voz ser apresentada em uma construção impessoal – *sugeriu-se* – o efeito de sentido que se gera no enunciado é de uma pretensa objetividade, ou seja, ou a introdução do SE-locutor produz a ideia de que o referido ponto de vista apresenta a si mesmo.

Há de se observar ainda que a expressão utilizada é constituída pelo verbo *dicendi* modalizador quase-as-severativo *sugerir*, portador da síntese léxica “dizer + possibilidade”. Ao apresentar a voz do SE-locutor com um verbo quase-as-severativo, L1 não se compro-

51 Os modalizadores epistêmicos quase-as-severativos, por sua vez, apresentam o conteúdo do enunciado como algo possivelmente certo ou verdadeiro (NASCIMENTO; SILVA, 2012).

mete com o discurso apresentado, tampouco o assimila, mantendo uma certa distância com relação ao dito. Esse não comprometimento confirma-se pela própria utilização da palavra *possibilidade*, no discurso do SE-locutor.

A partir dos estudos realizados por Anscombe (2005, 2010), Bastos (2017) observa que o fenômeno do SE-locutor ocorre em diferentes situações, que podem ser resumidas em três grandes grupos:

Grupo A: Nesse grupo, estão os marcadores aparentemente especializados em introduzir ON-locutor, como as expressões formadas por *SE + verbos de dizer*, a exemplo de “como se diz”;

Grupo B: Fazem parte desse grupo certas entidades lexicais que também podem assumir o papel de introdutores desse SE-locutor, como “o rumor público”, “os cientistas”, “os especialistas” etc.

Grupo C: Nesse grupo estão incluídas algumas funções que aparecem intimamente ligadas à introdução de SE-locutor, tais como: o tema, a pressuposição, as asserções, formas sentenciosas, as frases genéricas analíticas ou tipificantes a priori, como por exemplo os provérbios populares: “Rir por último quem rir melhor”.

Por fim, assinalamos que o fenômeno da evocação do SE-locutor por parte de um locutor responsável pelo discurso (L1) constitui-se um caso particular de polifonia. Não nos parece possível, pelo menos neste momento, incluí-lo dentro dos casos de polifonia de locutores (relatos em estilo direto e indireto), uma vez que essa voz coletiva não é atribuída, explicitamente, a um segundo locutor, enquanto ser do discurso, no próprio enunciado. Isso não impede, obviamente, que identifiquemos de onde parte essa voz coletiva, o que pode ser feito considerando-se as características sociodiscursivas do gênero em questão.

A intertextualidade e a polifonia

Uma das principais manifestações do fenômeno da polifonia é a intertextualidade, conforme assinala Koch (2004), dada a amplitude do conceito de polifonia. A autora afirma que, na intertextualidade, faz-se necessária a presença do intertexto, cuja fonte pode ser explicitamente mencionada ou não. A polifonia, por sua vez, “exige apenas que se *representem, encenem* (no sentido teatral), em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores diferentes (KOCH, 2004, p. 154 – grifo da autora)”.

Assim, a intertextualidade passa a ser considerada como um tipo de polifonia enunciativa, que demanda a presença de um intertexto (outro texto anteriormente produzido) no enunciado, o qual faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores, como assinala a autora e costuma ser dividida em dois tipos: intertextualidade explícita e implícita.

A intertextualidade explícita ocorre quando, no próprio texto ou enunciado, menciona-se o texto fonte, a origem do intertexto. Esse é o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas, traduções, do argumento por autoridade e das retomadas da fala do parceiro interlocutor na língua falada, como exemplifica Koch (2004). A autora sugere que a intertextualidade explícita corresponderia, dadas as devidas proporções, ao que Ducrot denominou de polifonia de locutores.

Já a intertextualidade implícita ocorre quando a fonte do intertexto não é mencionada e esse é utilizado “com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de colocá-lo em questão, para argumentar em sentido contrário” (KOCH, 2004, p. 146). Assim, a intertextualidade pode se dar de duas formas: com valor de **captação**, seguindo a orientação argumentativa do texto-fonte; ou com valor de **subversão** – com orientação argumentativa contrária ao texto-fonte.

Nesse tipo de intertextualidade, espera-se que o interlocutor (leitor ou ouvinte) seja capaz de recuperar o intertexto (ou reconhecer a sua presença), pela presença do texto-fonte em sua memória discursiva. A autora pontua que a não recuperação do texto fonte prejudicará a construção do sentido, especialmente nos casos de subversão.

O Exemplo 06, abaixo, do *corpus* analisado por Nascimento & Nascimento (2017), demonstra um caso de intertextualidade:

Exemplo 06 – Gênero charge



Fonte: www.folha.uol.com.br. Coletado em 16 de abril de 2016.

O Exemplo 06 apresenta uma charge publicada no jornal *A Folha de São Paulo*, relativa ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. O texto foi publicado em 16 de abril de 2016, um dia antes da primeira votação relativa ao processo, ocorrido na Câmara dos Deputados Federais, que acabou decidindo com 367 votos aprovar o pedido de impeachment e encaminhá-lo para a votação seguinte no Senado. O título da charge faz referência a

um quadro famoso do pintor Leonardo da Vinci, *A Última Ceia*, no qual Jesus, às vésperas de sua morte, realiza a última refeição com seus companheiros pouco antes de ser traído por um deles. A intertextualidade também está marcada pela recuperação do discurso do relato bíblico da última ceia de Jesus com seus apóstolos, no qual consta a declaração “Digo, com certeza, que esta noite um de vocês me trairá” (Mt 26, 21; Mc 14,18) e, que também aparece na charge, porém de modo reformulado “Com sorte, um de vocês não me trairá”, portanto parodiado como uma *subversão* do discurso a que faz referência. A paródia pode ser observada, também, na analogia situacional cômica que o chargista cria, uma vez que relaciona os personagens Jesus à presidente Dilma e os aliados políticos aos apóstolos, e os eventos: Santa Ceia ao Impeachment da presidente Dilma.

Além da intertextualidade, há, na charge, polifonia de enunciadores ativada pela partícula de negação *não*, de modo que temos:

E1: Um de vocês não vai me trair.

E2: Os demais irão me trair.

O locutor-personagem Dilma rechaça E2 – Os demais irão me trair - e assimila E1 – um de vocês não vai me trair –, ponto de vista absurdo, ironizado, já que retrata que a personagem acredita que apenas um companheiro ficará ao seu lado, isso caso tenha sorte, como ela diz no balão; esse ponto de vista aparentemente absurdo e exagerado é o que produz o humor da charge. O locutor-chargista, por sua vez, tanto assimila E1 como E2, uma vez que direciona sua crítica para a crença de que a traição da presidente por parte de seus aliados políticos será iminente na votação do processo do impeachment.

Como se percebe, no Exemplo 06, a recuperação do texto-fonte se faz necessária para a compreensão do sentido expresso no texto. É importante observar também que diferentes fenômenos polifônicos podem coocorrer em um mesmo texto ou enunciado, atuando em conjunto para a construção de determinados efeitos de sentido. No caso da charge, coocorrem a polifonia por intertextualidade com valor de subversão e a polifonia de enunciadores ativada pela presença da negação e da ironia.

Na próxima seção, apresentamos, à guisa de conclusões, algumas considerações sobre o fenômeno da polifonia e sua importância para os estudos sobre a argumentação.

Considerações sobre os estudos da polifonia

Nas investigações realizadas (ou em realização) nos mais diferentes gêneros discursivos e conforme se pode observar nos Exemplos 02, 03, 04, 05 e 06, analisados anteriormente, temos verificado que o fenômeno da polifonia produz diferentes efeitos de sentido: a criação da noção de objetividade no discurso, a assimilação ou o distanciamento de vozes alheias, a avaliação axiológica dessas vozes, a construção do humor e da ironia, entre outros (NASCI-MENTO, 2015).

A forma como as diferentes vozes são apresentadas no discurso, com a utilização ora do estilo direto, ora do estilo indireto, ora do SE-locutor, ora de enunciadores, ora do intertexto, algumas vezes através de diferentes tipos de verbos ou expressões *dicendi* modalizadores, acabam por denunciar, no próprio sentido do enunciado, posicionamentos do locutor responsável pelo discurso (não somente com relação ao seu dizer, mas também com relação à voz alheia).

Essas diferentes formas de introduzir a voz alheia no discurso revelam, nesse sentido, marcas de subjetividade do locutor responsável pelo discurso que, em alguns gêneros, como é o caso dos acadêmicos (cf. NASCIMENTO, 2015), se pretende objetivo. Nesse sentido, constitui-se em um fenômeno argumentativo, já que imprime um modo como o dito deve ser lido e orienta o discurso em razão de determinadas conclusões.

Assim, os estudos da polifonia têm contribuído não somente para comprovar o dialogismo constitutivo da linguagem, nos termos de Bakhtin, ou a assertiva de que a língua mesma já possui mecanismos que favorecem e materializam a presença de outros(s) no discurso, sendo constitutiva da língua, conforme sugere Ducrot. Os estudos sobre a polifonia têm sido bastante profícuos para a análise da subjetividade e da intersubjetividade (logo, da argumentação) inerente a linguagem e para observar como as diferentes vozes se inter cruzam no discurso, gerando os mais diferentes efeitos de sentido.

Decorre daí a influência desses estudos em diferentes áreas do conhecimento e um terreno fértil para investigação, em diferentes enunciados e gêneros de texto. Mapear como se dá o fenômeno da polifonia nos mais diferentes gêneros contribuirá não somente para a descrição desse fenômeno, especialmente, mas também para a compreensão de como se constitui a subjetividade e intersubjetividade em cada gênero, em especial.

Referências:

ANSCOMBRE, Jean-Claude. **Le on-locuteur**: une entité aux multiples visages. In: BRES, Jacques et al. **Dialogisme et polyphonie**. Paris: De Boeck Supérieur “Champ linguistique”

tiques), 2005. P. 75-94.

ANSCOMBRE, Jean-Claude. Author d'une définition linguistique des notions de voix collective et de on-locuteur. In: **Recherches Linguistique**. N. 31, 2010. P. 29-64.

BAKHTIN, Mikhail [1895-1975]. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução por Paulo Bezerra. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 2002a. Tradução de Problémi poétiki Dostoiévskovo. [2ª edição: 1997]

BAKHTIN, Mikhail [1895-1975]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002b. [1ª edição: 1979]

BAKHTIN, Mikhail [1895-1975] (VOLOCHINOV). **Estética da criação verbal**. Tradução M.E.G. Gomes. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. [1ª edição: 1992]

BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz. Apresentação. In: BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.

BASTOS, Ana Carolina Vieira. **De quem é essa voz?** Um estudo sobre as marcas de subjetividade em monografias de conclusão de curso. (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa, 2017.

BATISTA, Silvana Lino; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Estratégias Semântico-Argumentativas no Gênero Textual/discursivo Relatório**. (Relatório de Pesquisa). João Pessoa, UFPB, 2010. (mimeo)

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y Argumentación: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1988.

- GARCIA NEGRONI, María Marta. Dialogismo y polifonía enunciativa. Apuntes para una reelaboración de la distinción discurso / historia. In: **Páginas de Guarda**. N. 7. 2010. P. 15 – 31.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Lingüística Textual**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MOYANO, Sara Inés. **El discurso narrativizado y las nominalizaciones citativas**: dos formas solapadas de caracterizar la palabra ajena. Tesis de Magíster en Lingüística. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de la Plata, 2007.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Jogando com as vozes do outro**: A polifonia – recurso modalizador – na Notícia Jornalística. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Jogando com as vozes do outro**: A polifonia na Notícia Jornalística. 1ª ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos**: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, V. 50, N. 3, p. 342 – 351. jul – set./2015.
- NASCIMENTO, Hugo Fernando da Silva; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **Estratégias semântico-argumentativas e enunciativas em charges sobre o processo de impeachment**. (Relatório de Pesquisa). Mamanguape, UFPB, 2017. (mimeo)
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; OLIVEIRA, Pricila Rafaela dos Santos. **A polifonia como estratégia argumentativa no gênero ata**. (Relatório de Pesquisa). João Pessoa, UFPB, 2011. (mimeo)
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do; SILVA, Joseli Maria da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira

do (org.). **A Argumentação na Redação Comercial e Oficial**: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa, Editora da UFPB, 2012.

SOCIEDADE Bíblica Internacional (Organizador). **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional revista e corrigida. Santo André: Geográfica, 2008